

# O LÚDICO E O BRINCAR LIVRE COMO ELEMENTOS DE APRENDIZAGENS: UMA EXPERIÊNCIA NUMA ESCOLA DO CAMPO

Vanessa Dias de Lima <sup>1</sup>  
Jany Rodrigues Prado <sup>2</sup>  
Maria de Fátima Pereira Carvalho <sup>3</sup>

## RESUMO

Este artigo objetivou trazer uma breve análise da presença do lúdico nos espaços escolares, a partir de uma turma do ensino fundamental I, durante as atividades do componente curricular Pesquisa e Estágio nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental, do Curso de Pedagogia da Universidade do Estado da Bahia – UNEB – *Campus XII*, de modo que, buscou-se problematizar a respeito da forma como a brincadeira e os jogos são tratados na sala de aula. Considerando que por ser Escola do Campo, tanto a escola quanto a turma, possuem suas especificidades. Os dados coletados são frutos do período de observação e regência de classe, o local da pesquisa foi a Escola Municipal Colônia Agrícola de Ceraíma, localizada no distrito de Ceraíma, no município de Guanambi-BA, é a única escola do município cadastrada no censo escolar como Escola do Campo. Assim foi feita uma análise teórica da infância, com base em autores como Ariés (1981), Corsino (2008) e da infância do Campo como Silva, Silva e Pasuch (2012). Além da temática relacionada ao brincar e a ludicidade, e materiais do Pacto Nacional Pela Alfabetização na Idade Certa (PNAIC). Com base nas observações e vivências do aprendizado através do lúdico, apresenta-se uma breve discussão acerca dos objetivos atingidos e dos reflexos do brincar/jogo no aprendizado dos alunos e nas respostas obtidas durante as vivências do estágio. Por fim, é feita uma pequena análise da forma como o brincar é tratado pelas professoras da turma em questão e as leituras realizadas a partir desse trato, de modo que, foi possível perceber que a forma como cada professora trata o brincar é diferente e conseqüentemente, traduz resultados também distintos.

**Palavras – Chave:** Escola do Campo. Infância. Ludicidade e Aprendizado.

## INTRODUÇÃO

Este artigo traz uma breve análise sobre a importância do brincar e suas diversas possibilidades para o processo de ensino e aprendizagem nos espaços escolares e é resultado das aprendizagens advindas do período de observação diagnóstica co-participativa e regência de classe numa turma do 1º ano dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental, numa Escola do Campo localizada no distrito de Ceraíma, no município de Guanambi-BA, atividade proposta

---

<sup>1</sup> Estudante do curso de Pedagogia do Departamento de Educação, *Campus XII*. Bolsista de Iniciação Científica - 2016/2017 – UNEB/PICIN. E-mail: nessa\_phn@yahoo.com.br.

<sup>2</sup> Professora substituta do Departamento de Educação DEDC/Campus XII/Guanambi-Bahia, pesquisadora do Núcleo de Pesquisa e Extensão Educacional Paulo Freire (NEPE) e membro do Grupo de Pesquisa Didática, Formação e Trabalho Docente (Difort/CNPq). Coordenadora Pedagógica da Rede Municipal de Ensino de Guanambi-BA. Mestranda em Educação pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia – UESB. E-mail: <janyrprado@yahoo.com.br>.

<sup>3</sup> Professora Assistente da Universidade do Estado da Bahia (UNEB), Departamento de Educação DEDC/*Campus XII*/Guanambi-Bahia, pesquisadora do Núcleo de Pesquisa e Extensão Educacional Paulo Freire - NEPE/UNEB. Doutoranda em educação pela FAE/UFGM. E-mail: <f13carvalho@hotmail.com>.

pelo componente curricular Pesquisa e Estágio III do curso de Pedagogia, da Universidade do Estado da Bahia/*Campus XII*.

Durante a observação e co-participação, algo que nos chamou atenção foi o modo como o brincar e o jogo estavam presentes nas atividades propostas e desenvolvidas em sala de aula e/ou fora dela pela regente da classe. Além disso, dentro da proposta do Programa Nacional Pela Alfabetização na Idade Certa (PNAIC), notou-se que há um destaque para o aprendizado através do lúdico. Assim, buscamos discutir como o brincar tem se inserido nas escolas, e como o PNAIC contribuiu para sua inserção na sala de aula como elemento de aprendizagem por meio da ludicidade.

Do ponto de vista técnico-metodológico pautou-se na abordagem metodológica da pesquisa qualitativa que “implica uma partilha densa com pessoas, fatos e locais que constituem objetos de pesquisa, para extrair desse convívio os significados visíveis e latentes que somente são perceptíveis a uma atenção sensível” (CHIZZOTTI, 2011, p.28). Para isso, utilizou-se o diário de campo. Nele foram descritas observações e reflexões acerca do lúdico e do brincar nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental numa escola do campo. Foi realizada também uma pesquisa bibliográfica, a fim de aprofundar alguns conceitos elencados no texto.

No tratamento dos dados, existem algumas influências do método do materialismo histórico dialético, que sugere que os participantes da pesquisa sejam olhados como parte construtora da realidade, e não como meros coadjuvantes. Assim foi possível perceber como todos os sujeitos inseridos no processo do brincar interferem e constroem caminhos e modos diferentes de se relacionar com ele.

Conforme já dito anteriormente, a turma em questão corresponde ao 1º Ano do Ensino Fundamental, composta por 21 alunos, oito meninos e 13 meninas, um dos alunos tem microcefalia e apresenta dificuldades de aprendizagem, o mesmo é atendido na sala de recursos multifuncionais. Nesta turma, atuam duas professoras, a professora A<sup>4</sup> com as disciplinas de Língua Portuguesa e Matemática (três dias por semana) e a professora B com Ciências, Arte, Educação Física, História e Geografia.

Buscamos trazer neste texto algumas reflexões acerca do brincar, com base na experiência vivenciada durante o estágio numa escola do campo, levando em consideração a maneira como as crianças tratam o brincar e como ele ocorre de forma diversa, e em diferentes espaços, proporcionando assim, muitas aprendizagens.

---

<sup>4</sup> Em conformidade com a conduta em pesquisas dessa natureza, para preservar o sigilo das informações e dos sujeitos envolvidos na experiência, todos os nomes atribuídos aos partícipes desta investigação são fictícios..

## 1 DA INFÂNCIA ÀS INFÂNCIAS

Os cuidados com a criança surgem apenas em meados do século XIX, e conforme Ariés (1981) o conceito de infância enquanto reconhecimento da criança com suas particularidades era inexistente na sociedade medieval. Quando surge o sentimento de infância o mesmo não tem ligação com a afetividade, a criança é vista como um *adulto em miniatura*.

Esse conceito ao longo dos anos varia de acordo com o contexto histórico e cultural,

os estudos de Philippe Ariès (1986), no seu livro *História Social da Criança e da Família*, revelaram que a ideia de infância, no sentido de diferenciação do adulto, é uma construção da modernidade, começando a surgir nos finais do século XVII, nas camadas superiores da sociedade, e se sedimentando no século XVIII (CORSINO, 2008, p. 14).

Como mostra Cambi (1999), em Rousseau o conceito de criança como *adulto em miniatura* desaparece a partir de suas contribuições, pois para o autor a criança necessita de cuidados especiais, na obra o *Emílio*, trata a criança como ser puro que tem na educação a chave para cultivá-la.

No Brasil, em meados do século XIX e XX, com o crescimento da industrialização cresceram, também, os níveis de mortalidade e para que não se tornasse um problema social do Estado, passam a recorrer a medidas de caráter emergencial. E por um longo período foi assim, a educação era ofertada de forma diferente, creches para os mais pobres e os jardins de infância para os mais ricos.

Após muita luta da classe trabalhadora, é que a educação surge como direito básico assegurado pela Constituição Federal de 1988. Porém, o fato da garantia de acesso à educação não ocorre da mesma forma para todas as crianças, por exemplo, a realidade de muitas crianças do Campo, as quais encontram fatores que dificultam o acesso à escola

As crianças do campo, no que se refere às vagas, são as que têm o acesso mais dificultado. Estudos mostram que, quando ofertada, a vaga geralmente é distante de suas residências, fazendo com que elas passem longo período dependendo do transporte “intra” ou “extracampo” que, como muitos estudos apontam, realiza-se em condições bastante precárias, colocando às vezes a segurança das crianças em risco. (SILVA, SILVA e PASUCH, 2012, p. 87).

Por outro lado, os espaços em que a criança do campo convive permite o contato com aprendizados diversos, além disso o brincar ocorre em espaços amplos e de forma mais livre. O ato de explorar os mais diversos espaços é profundamente educativo, educa a partir da experiência e permite a construção de saberes singulares, a exploração desses meios conforme

Silva, Silva e Pasuch (2012, p. 126) “com sensibilidade e criatividade, são naturalmente mais ricos que aqueles presentes nas instituições urbanas, muitas vezes, caracterizadas pela restrição de espaços e pelo pouco contato com ambientes naturais”. Desse modo, notamos que o conceito de infância é amplo, e assim podemos afirmar que não há uma infância, mas infâncias. Compreendemos que há infâncias diversas, e que são vividas em locais e tempos diferentes. Conhecê-las e observar como ocorrem nos espaços educativos, é um grande e enriquecedor desafio para o educador.

## **2 TEORICAMENTE: O QUE É BRINCAR?**

O brincar é próprio da criança e dela faz parte, é através da brincadeira que acontecem as primeiras socializações entre elas, e é também através das brincadeiras que a criança explora o mundo e se percebe parte dele. O Estatuto da criança e do Adolescente assegura o direito ao brincar no seu artigo 16: “o direito a liberdade compreende os seguintes aspectos: [...] brincar, praticar esportes e divertir-se” (BRASIL, 1995).

É preciso levar em consideração que, o brincar se dá de formas diversas, e para as crianças do Campo acontece, em sua maioria, de forma mais livre. As próprias condições do lugar oportunizam a exploração do espaço e dos elementos nele presentes. “É importante demarcar que o eixo principal em torno do qual o brincar deve ser incorporado em nossas práticas é o seu significado como experiência de cultura” (BRASIL, 2006, p. 43), compreende-se que o brincar não é somente uma forma de diversão, mas desenvolve, por exemplo, aspectos relacionados à cultura, a socialização, as regras de convivência, a lateralidade, ao equilíbrio, entre tantos outros. O jogo em sala de aula também pode ser utilizado para um aprendizado lúdico, e torná-lo significativo e dinâmico.

Por tanto, o brincar e a atividade lúdica ocorrem de forma ampla, e conforme as possibilidades tornam-se fontes de aprendizagens tanto intelectuais, quanto social.

Do ponto de vista didático, as brincadeiras promovem situações em que as crianças aprendem conceitos, atitudes e desenvolvem habilidades diversas, integrando aspectos cognitivos, sociais e físicos. Podem motivar as crianças para se envolverem nas atividades e despertam o interesse pelos conteúdos curriculares (BRASIL, 2012, p. 07).

Desse modo, as atividades lúdicas passam a ser vistas como *instrumento facilitador e motivador* da aprendizagem escolar. Salientamos ainda, a importância de que haja a presença do lúdico como instrumento didático pedagógico bem como o uso do brincar livre nos

espaços educativos escolares, visto que estes elementos contribuem para o processo formativo da criança e constituem momentos de aprendizagem.

## **2.1 O Brincar no Estágio Supervisionado**

Na escola, por muito tempo, o brincar se resumia a hora do recreio e quando adentrava à sala de aula era sempre seguido de algum conteúdo ou atividade relacionada. Esse uso é também importante, mas é preciso que não se resuma a isso, que haja o incentivo ao brincar livre, que possui regras implícitas.

Durante o período de observação diagnóstica e coparticipação, foi possível notar que, na turma em questão, o brincar estava presente em vários momentos e espaços, e conseqüentemente ocorria de formas diversas. As professoras procuravam trazer o brincar para a sala de aula, e para outros espaços fora dela, cada uma ao seu modo, conforme os conteúdos propostos pelas disciplinas. Além de explorarem bem o espaço da escola, ambas buscavam recursos variados para trabalhar os assuntos, e incentivar a participação dos alunos.

Os cadernos do PNAIC têm tratado o lúdico como caminho para o aprendizado, e sugere atividades diversas e que podem ser feitas com materiais simples, “outro importante eixo do PNAIC é o estímulo ao uso desses materiais, que, por vezes, ficavam trancados em salas nas escolas, sem acesso pelos professores, e muito menos pelas crianças” (BERNARDELI, 2015, p. 30). Assim, a professora A, conta com um acervo oferecido pelo livro didático.

No caso da Professora A, há uma valorização do lúdico e do aprendizado através da experiência, sempre que é feita uma atividade, de modo geral, ela preza pela participação de toda turma, sempre com uma atenção para as dificuldades por eles encontradas. “O brincar permite o desenvolvimento das significações da aprendizagem e quando o professor o instrumentaliza, intervém no aprender” (FORTUNA, 2000, p. 10), a mediação do professor durante os jogos permite que sejam atingidos objetivos, além de possibilitar que haja direcionamentos conforme o nível de aprendizado de cada aluno.

O brincar livre estava presente na atuação de ambas as professoras, de forma mais frequente com a professora B, que durante seus dois dias de aula semanais, reserva um tempo em que as crianças vão à quadra e exploram livremente várias brincadeiras, sem que haja a imposição e o controle por parte de um adulto.

Outra característica a se destacar, é a questão do recreio, que é tratado de forma diferente pelas professoras, sendo que, a professora A não permite a saída, de modo que as

crianças pudessem brincar ali mesmo, dentro da sala de aula com brinquedos e brincadeiras mais simples. A preocupação da professora A estava relacionada ao fato de que, todas as turmas (1º ao 9º ano) eram liberadas no mesmo horário, e com isso a preocupação com brincadeiras que pudessem gerar possíveis riscos às crianças menores. Já a outra professora, permitia a saída, o que possibilita a interação dos alunos com as demais turmas, mesmo sendo liberadas, algumas crianças preferiam permanecer na sala de aula e, mostrarem-se adaptadas a essa rotina.

Quanto à forma como as professoras desenvolviam os jogos e brincadeiras, observamos maior confiança por parte da professora A, que demonstrava familiaridade com os jogos e maior tranquilidade no momento de desenvolvê-los. Já a professora B aparentava certo nervosismo, e até mesmo descuido com algumas brincadeiras, mas sem impedir o andamento, porém acaba por comprometer a forma como é desenvolvida a atividade/brincadeira.

Durante o estágio, através daquilo que foi observado, optamos por trabalhar a partir do lúdico e do resgate das brincadeiras antigas, pois como constatou Faria Júnior (1996, p.59) “[os] jogos populares infantis, parlendas e brinquedos cantados foram sendo perdidos (ou transformados) nos últimos cinquenta anos possivelmente como consequência dos processos de urbanização e de industrialização”, desse modo promover o resgate dessas brincadeiras, é também um resgate cultural e possibilita ricos momentos de aprendizagem.

Nesse contexto, o projeto de intervenção intitulado “O Lúdico a partir das Vivências: rompendo cercas, construindo caminhos” obteve respostas muito positivas. As crianças demonstraram interesse em aprender as brincadeiras, e em continuar a brincar com elas.

Em alguns momentos, pudemos trazer o brincar livre para a sala de aula, e com as brincadeiras antigas foi possível proporcionar momentos lúdicos desvinculados dos assuntos trabalhados em sala, o que é de grande importância para o processo formativo da criança.

É importante demarcar que o eixo principal em torno do qual o brincar deve ser incorporado em nossas práticas é o seu significado como experiência de cultura. Isso exige garantia de tempos e espaços crianças e os adolescentes criem e desenvolvam suas brincadeiras, e não apenas em locais e horários destinados pela escola a essas atividades (como os pátios e parques para recreação), mas também nos espaços das salas de aula, por meio da invenção de diferentes formas de brincar com os conhecimentos. (BORBA, 2006, p. 6).

Proporcionar esses momentos no espaço da sala de aula, além dos fatores elencados acima, permite que a brincadeira não esteja sempre vinculada a sua atividade posterior. Um aspecto importante é que com os jogos, a participação dos alunos com dificuldades de

aprendizagem é facilitada, pois o brincar permite as diversas tentativas visto que no lúdico não há a pressão de erro e acerto.

Enquanto desenvolvia a metodologia proposta durante o estágio, pudemos notar que o lúdico como ponto de partida para a aprendizagem é de fato, um caminho bem aceito pelos alunos e com respostas muito positivas.

## **ALGUMAS CONSIDERAÇÕES**

Esse trabalho buscou compreender, a partir das experiências do período de estágio, a relação entre brincar e aprender procurando entender a importância desse processo na vida escolar de cada criança. A partir da breve análise histórica vimos que, nem sempre a infância foi tratada como é hoje, do mesmo modo, o brincar também passa a ser visto de uma forma diferente, e é compreendido como instrumento de aprendizagens diversas.

O estágio é momento em que aprendemos alguns saberes da docência e podemos compreender melhor a relação entre a teoria e a prática. Perceber o brincar como elemento educativo foi uma das possibilidades que esse componente nos proporcionou, e como afirmam Felício e Oliveira (2008) “o estágio curricular se bem fundamentado, estruturado e orientado, configura-se como um momento de relevante importância no processo de formação dos futuros professores”. Nesse sentido, consideramos que as aprendizagens desse momento foram de extrema importância e amplamente formativos, de diversos modos.

Foi possível notar o quanto o brincar ocorre de múltiplas formas e como ele exerce influências diversas, tanto no aprendizado de conteúdos escolares, como nas relações sociais. E o brincar não se resume apenas ao entretenimento.

Já a vivência dos jogos em sala de aula mostra que inserir os temas e proporcionar a vivência/experiência possibilita uma melhor compreensão, por parte dos alunos, de modo especial daqueles que têm dificuldades de aprendizagem, pois na brincadeira todos participam e aprendem juntos.

A oportunidade de vivenciar o lúdico e o brincar na sala de aula trouxe reflexões acerca de como o espaço da sala de aula também pode ser lugar da brincadeira, e isso não lhe retira o caráter educacional, pelo contrário, a educação ocorre de forma descontraída e atraente.

## REFERÊNCIAS

- ARIÈS, P. **História social da Criança e da Família**. 2ª ed. Rio de Janeiro: LTC, 1981.
- BRASIL. **Estatuto da criança e do adolescente**. 5 ed. São Paulo: Saraiva, 1995. 210 p.
- BRASIL, MEC/SEB. **Ensino fundamental de nove anos: orientações para a inclusão da criança de seis anos de idade**. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2006.
- \_\_\_\_\_. **Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa**. Ludicidade na Sala de Aula. Ano 01. Unidade 04. Brasília: MEC/SEB, 2012.
- BERNARDELLI, K. C. C. A. A criança no Ciclo de Alfabetização: ludicidade nos espaços/tempos escolares. In: **Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa**. A criança no ciclo de alfabetização. Caderno 02 / Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, Diretoria de Apoio à Gestão Educacional. – Brasília: MEC, SEB, 2015
- BORBA, A. M. O brincar como um modo de ser e estar no mundo. In: BRASIL, MEC/SEB **Ensino fundamental de nove anos: orientações para a inclusão da criança de seis anos de idade**. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2006.
- CAMBI, F. Rousseau: o pai da pedagogia contemporânea. In: **História da pedagogia**. Tradução Álvaro Lorenzini. São Paulo: EDUNESP, 1999, p.342-355.
- CORSINO, P. Pensando a infância e o direito de brincar. In: **Jogos e brincadeiras: desafios e descobertas**. 2 ed. Salto para o Futuro. Ano XVIII, Boletim 07, p. 12 – 24, maio/2008.
- CHIZZOTTI, A. A pesquisa qualitativa em ciências humanas e sociais: evolução e desafios. **Revista Portuguesa de Educação**, v. 16, n. 002, p. 221 – 236. 2003
- FARIA JUNIOR, A. G. A reinserção de jogos populares nos programas escolares. In **Motrivivência**, Florianópolis, n 9, p.44-65, 1996.
- FELICÍO, H. M. dos S.; OLIVEIRA, R. A. **A formação prática de professores no estágio curricular**. Educar, Curitiba, n. 32, p. 215-232, 2008.
- FORTUNA, T. R. Sala de aula é lugar de brincar? In: XAVIER, M. L. M. e DALLAZEN, M. I. H. (org.) **Planejamento em destaque: análises menos convencionais**. Porto.
- FERREIRA, C.; MISSE, C.; BONADIO, S. **Brincar na educação infantil é coisa séria**. *Akrópolis*, Umuarama, v. 12, n. 4, p. 222-223, out./dez. 2004.
- SILVA, A. P. S.; PASUCH, J.; SILVA J. B. **Educação Infantil do campo**. Docência em formação. 1 ed. São Paulo: Cortez 2012.